

## Figureiros(as) de Taubaté: Do barro para uma prática bio sustentável

**Autor<sup>1</sup>: Matheus Maximiliano Carneiro**  
**Orientador<sup>2</sup>: Prof. Ms. Armino Boll**

<sup>1</sup> Universidade de Taubaté/ Departamento de Ciências Sociais e Letras/ Rua Visconde do Rio Branco, 22 – Taubaté – centro/ matheus\_carneiro@limao.com.br

<sup>2</sup> Universidade de Taubaté/ Departamento de Ciências Sociais e Letras/ Rua Visconde do Rio Branco, 22 – Taubaté – centro/ armino.boll@bol.com.br

**Resumo-** Os Figureiros(as) de Taubaté, cidade que se localiza a 130 km de São Paulo, são um grupo artesanal o qual possui uma ligação estreita com a História da cidade e com o incentivo devocional ao Presépio Natalino do convento de Santa Clara da cidade Taubaté. Porém, ao se questionar sobre a provável origem desse grupo, percebemos uma dificuldade em saber com exatidão em que época iniciou-se essa cultura artesanal. A nossa pesquisa nos leva a hipóteses, pois há semelhança com outros grupos do Vale do Paraíba e também com as tradições indígenas. Constatamos que as atividades artesanais ao longo da História do Vale do Paraíba, de modo geral, possuem em comum o fato de a matéria prima utilizada ser originária da natureza e também pela pequena intervenção ambiental. Por outro lado, são atividades de geração de emprego e que contribuem para o fortalecimento dos laços geracionais e das tradições comunitárias.

**Palavras-chave:** Figureiros, artesanato, Taubaté, natureza.

**Área do Conhecimento:** História.

### Introdução

Este artigo compreende uma análise histórica dos Figureiros assim como estudar a relação que esse grupo possui com Taubaté e seu meio ambiente, ou seja, o rio Itaim no qual eles retiram a matéria prima para o artesanato que possui uma estreita ligação das “Figuras” com as tradições culturais e religiosas que compõe as peças artesanais feitas em argila pelos Figureiros.

A questão histórica do surgimento da arte figurativa no Vale do Paraíba vai de encontro a várias hipóteses que ainda podem ser aprofundadas, sobre a relação entre os Indígenas que também produziam peças que tinham como matéria prima o barro, ou os “Santeiros” que confeccionavam peças para seus presépios em Aparecida e os figureiros que faziam figuras. Mas sobretudo a versão mais difundida é que arte figurativa teve início com a vinda dos Frades Franciscanos para Taubaté na construção do Convento de Santa Clara, em 1764. Os franciscanos trouxeram a devoção ao presépio na época natalina. Nas últimas décadas do século XVII, somente as famílias abastadas podiam encomendar presépios que vinham diretamente de Portugal. Aos poucos, as famílias de classes populares incorporaram o costume de ter em suas casas, na época de natal, uma representação de barro das figuras que faziam parte do presépio.

Esse trabalho tem por objetivo estudar a história dos Figureiros de Taubaté e compreender

a relação entre os Figureiros(as) e meio ambiente, ou seja, sua relação com natureza, uma vez que a matéria prima dos artesãos não afeta a questão ambiental e permite a preservação dos costumes e das tradições transmitidas de geração em geração.

### Metodologia

Como método de coleta das informações foram utilizadas entrevistas semi-abertas onde os colaboradores representam as diversas redes de sociabilidade. Afinal, o caminho percorrido foi da História Oral, que

“Embora diga respeito [...] a padrões culturais e processos históricos, visa aprofundá-los por meio de conversas [...] sobre a experiência e memória individuais e, ainda por meio do impacto que essas tiveram na vida de cada um.” (PORTELLI, pp. 15-17)

As entrevistas seguiram a seguintes etapas: em primeiro lugar o registro feito através da gravação, a partir do consentimento do entrevistado. Em segundo lugar a transcrição, ou seja, a passagem da gravação oral para escrita. Em terceiro lugar a chamada transcrição a construção de um texto recriado em sua plenitude.

E por último o colaborador ou entrevistado verifica o texto final e autoriza para publicação na íntegra.

Foram utilizadas fontes bibliográficas e documentais que destacam os livros e artigos que abordam assuntos relacionados a essa característica de transmissão da tradição dos Figureiros e sua relação com local da retirada da sua matéria prima, pois se fazem indispensáveis. Vale destacar que todo material bibliográfico foram encontrados na Biblioteca da Universidade de Taubaté e também em fontes de origem privada.

## Resultados

Até o presente momento, entrevistamos alguns Figureiros que mostram a relação que existe entre essa atividade artesanal e suas influências religiosas e culturais. Outra questão relevante, é que os Figureiros fundaram e organizaram uma associação sem fins lucrativos, por meio da qual preservam sua originalidade, pois não aceitam a proposta de industrialização. Podemos constatar que esse costume da criação de peças e o barro retirado dos rios possui uma possível influência indígena. Mantendo certas características tradicionais da área rural e da cultura popular, os Figureiros elaboram a confecção das peças sem afetar substancialmente o meio ambiente.

## Discussão

Para analisar a produção artesanal dos Figureiros e sua relação com meio ambiente faz-se necessário compreender um breve histórico do vale do Paraíba e os aspectos do povoamento paulista.

A população que inicialmente se limitara ao litoral e ao planalto de Piratininga, expandiu-se pelos vales dos rios Tietê e Paraíba. Em 20 de janeiro de 1637, Jacques Felix recebeu do governador Francisco da Rocha, provisão autorizando a demarcação de terras da condessa de Vimieiro, donatária da capitania de Itanhaém. Em 5 de dezembro de 1645, quando recebeu a designação de São Francisco das Chagas, o povoado foi elevado à categoria de vila.

A corrente migratória que se dirigiu para o vale do Paraíba, mesmo antes da instalação da Vila de Taubaté, já iniciara um movimento religioso e se estabelecerá em núcleos populacionais insipientes, à beira dos caminhos que se desbravaram, sempre em torno de uma capela dedicada a seus padroeiros familiares (ROCHA, 1996, p.131).

Com a chegada do café, modificaram-se as estruturas do campo, expropriando-se pequenos agricultores e estimulando a grande propriedade assalariada. Esses agricultores se deslocaram para as cidades, aumentando assim a população das vilas. Trouxeram consigo suas tradições. Com as famílias, vieram os santos, e houve intercâmbios de festas e romarias entre os moradores das vilas.

No final do século XIX e início do século XX, Taubaté moderniza-se. Há urbanização de novos bairros e são realizadas melhorias naqueles já existentes. Surgem as fábricas têxteis.

O impacto da urbanização e da industrialização acelerada modifica a prática religiosa dos operários e da população das cidades maiores do vale do Paraíba, mas nas cidades menores ainda se mantém a religiosidade que era

[...] considerada como uma expressão cultural está relacionada às formas de ser e aparecer, [...] constituindo-se, portanto, em identidades culturais, ou seja, resultados sempre transitórios de processos de identificação. Compreendida do ponto de vista do movimento, da processualidade histórica, da relação que se estabelece entre os diferentes, não se confundindo com igualdade e pressupondo, sempre, um espaço de alteridade, a religiosidade é histórica, e suas expressões culturais estão sempre em transformações (COSTA, 2004, 117).

A religiosidade se mantém presente entre outros grupos do vale que produzem peças de barro como os Santeiros de Aparecida e as Paulistinhas de Jacareí. Numa etapa posterior, essa pesquisa tem como propósito analisar as características do processo de criação e apresentar uma hipótese sobre a relação entre a arte figurativa e a natureza e se essa ligação é biosustentável e relacionar a arte figurativa com uma origem um tanto quanto remota os Indígenas dessa região.

Os indícios que fundamentam essa suposição consistem em que o local da retirada do barro era um bairro com um nome indígena "Itapicirica" como foi registrado durante nossas entrevistas. Os indígenas também tinham o costume de produzir algumas peças em cerâmica ou em barro que representavam sua realidade ou

animais assim como os Figureiros, existem outras características que relacionam ambos como o material utilizado no passado também era bem próximo, como seiva de vegetais e sedimentos para criar cores e também a matéria prima, ou seja, o barro.

O que promove o distanciamento entre ambos é justamente a religiosidade, pois o surgimento dos Figureiros está relacionado com a vinda dos franciscanos e o restauro da imagem de Nossa Senhora da Conceição que se encontrava quebrada no Convento de Santa Clara e foi restaurada por Maria Conceição Frutuosa Barbosa, a primeira Figureira, segundo as entrevistas. Outra prática que a tornou conhecida foi a venda de pequenas peças de animais dessa forma surgiu o termo “Figureira”. Não existem fontes documentais oficiais sobre os relatos de Maria Conceição e como ela saiu de Taubaté. Segundo as entrevistas foi devido a uma coleta “sanitaristas” de pessoas doentes e enviadas para locais de tratamento como Campos do Jordão ou São José dos Campos mais não existe nenhum registro que evidencie esse dado.

Com o tempo, os costumes e a matéria prima utilizada para criação das peças foi alterada devido à necessidade do mercado como a utilização de tintas industriais. Com isso, o barro vem sendo comprado devido ao risco de erosão dos rios, ou seja, o problema ambiental afetou a característica mais tradicional dessa arte popular: o barro.

## Conclusão

O Figureiro(a) que manteve suas tradições tanto na forma da confecção de suas figuras tanto quanto na transmissão dos seus “saberes” pode ser considerado um artista que produz de forma bio sustentável. Isso ocorre, pois a agressão de sua prática é mínima em relação a outras produções.

É importante ressaltar que essa relação entre os Figureiros e os demais artesãos do Vale do Paraíba com o artesanato indígena é demonstrada pela semelhança na confecção das figuras, como o uso da mesma matéria prima, apesar de certas características que as diferem.

## Referências

- BOLL, Armindo e PIRES, Marcelo. A pesquisa de campo em folkcomunicação – escolhas de métodos de coletas de dados. In: SCHMIDT, Cristina (org.) **Folkcomunicação na Arena Global: Avanços teóricos e metodológicos**. São Paulo: Ed. Ductor, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A folkcomunicação e o processo de**

**empoderamento de comunidades populares – Figureiros de Taubaté.** Texto que será apresentado no XXXI Congresso Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, em Natal-RN, de 2 a 6 de setembro de 2008.

A folkcomunicação e o processo de empoderamento de comunidades populares.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

COSTA, Maria F. T. B. **Da “Ilusão de Servir” às “Tentações do Bem”**: religiosidade e profissão de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Serviço Social, tese de Doutorado, São Paulo, 2004.

CHARTIER, Roger. “Cultura popular”: revisitando um conceito historiográfico. **Estudos históricos**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, p. 177 – 328, 1995.

CHAUÍ, Marilena de Souza. **Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1990.

DAMANTE, H. **Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1980.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1978.

MACHADO, P. **Aparecida na História e na Literatura**, Campinas: Edição do autor, 1983.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. **Tempo**: Revista do Departamento de História da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59 – 72, dez. 1996.

\_\_\_\_\_. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. **Projeto História**: revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC de São Paulo, São Paulo, n. 14, p. 7 – 24, fev. 1997.

\_\_\_\_\_. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. **História Oral desafios para o século XXI**, Rio de Janeiro: Fio Cruz/CPDOC; FGV, 2000.

ROCHA, Léa Maria da. As migrações do “Sagrado”, **Migrações no vale do Paraíba**, XII Simpósio de História do vale do Paraíba, São José dos Campos: UNIVAP, 1996, p.131-133.